

# DIDÁCTICA MAGNA

---

João Amós Coménio

TRATADO  
DA ARTE UNIVERSAL  
DE ENSINAR  
TUDO A TODOS

Introdução,  
Tradução e Notas  
de  
JOAQUIM FERREIRA GOMES

*4.<sup>a</sup> edição*



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Biblioteca / FEUSP

53626



*J. A. Comenius*  
DIDACTICA OPERA

OMNIA

Ab Anno 1627 ad 1657  
continuata.

## DIDÁCTICA MAGNA

Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos

ou

Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de outro sexo, sem exceptuar ninguém em parte alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez.

Onde os *fundamentos* de todas as coisas que se aconselham são tirados da própria natureza das coisas; a sua *verdade* é demonstrada com exemplos paralelos das artes mecânicas; o *curso dos estudos* é distribuído por anos, meses, dias e horas; e, enfim, é indicado um *caminho* fácil e seguro de pôr estas coisas em prática com bom resultado.

A proa e a popa da nossa *Didáctica* será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas, haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atractivo e mais sólido progresso; na Cristandade, haja menos trevas, menos confusão, menos dissídios, e mais luz, mais ordem, mais paz e mais tranquilidade.

*Que Deus tenha piedade de nós e nos abençoe! Faça brilhar sobre nós a luz da sua face e tenha piedade de nós! Para que sobre esta terra possamos conhecer o teu caminho, ó Senhor, e a tua ajuda salutar a todas as gentes (Salmo 66, 1-2).*

## SAUDAÇÃO AOS LEITORES

1. Didáctica significa arte de ensinar. Acerca desta arte, desde há pouco tempo, alguns homens eminentes, tocados de piedade pelos alunos condenados a rebolar o rochedo de Sísifo, puseram-se a fazer investigações, com resultados diferentes.

2. Alguns esforçaram-se por arranjar compêndios apenas para ensinar mais facilmente, esta ou aquela língua. Outros procuraram encontrar os métodos mais breves para ensinar, mais rapidamente, esta ou aquela ciência ou arte. Outros fizeram outras tentativas. Quase todos por meio de algumas observações externas recolhidas com o método mais fácil, ou seja, com o método prático, isto é, *a posteriori*, como lhe chamam.

3. Nós ousamos prometer uma *Didáctica Magna*, isto é, um método universal de ensinar tudo a todos. E de ensinar com tal *certeza*, que seja impossível não conseguir bons resultados. E de ensinar *rapidamente*, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, mas antes com sumo prazer para uns e para outros. E de ensinar *sólidamente*, não superficialmente e apenas com palavras, mas enca-

minhando os alunos para uma verdadeira instrução, para os bons costumes e para a piedade sincera. Enfim, demonstraremos todas estas coisas *a priori*, isto é, derivando-as da própria natureza imutável das coisas, como de uma fonte viva que produz eternos arroyos que vão, de novo, reunir-se num único rio; assim estabelecemos um método universal de fundar escolas universais.

4. Na verdade, a promessa que fazemos é enorme e corresponde a um desejo muito vivo, mas podemos facilmente imaginar que haverá pessoas que nela verão mais um sonho que um propósito fundado na realidade. No entanto, quem quer que tu sejas, leitor, suspende o teu juízo, até que tenhas conhecido a substância das coisas; então terás a liberdade, não somente de julgar, mas também de te pronunciars. Com efeito, eu não desejo, para não dizer que não ambiciono, arrastar ninguém, com os artifícios da persuasão, a dar o seu assentimento a uma coisa que não oferece qualquer certeza. Mas, com toda a alma, advirto, exorto e suplico, a quemquer que olhe o nosso trabalho, que nele fixe o seu próprio olhar e que o fixe com toda a sua penetração, pois é o único meio de se não deixar perturbar pelas opiniões fascinantes de outrem.

5. O assunto é realmente da mais séria importância e, assim como todos devem augurar que ele se concretize, assim também todos devem examiná-lo com bom senso, e todos, unindo as suas próprias forças, o devem impulsionar, pois dele depende a salvação de todo o género humano. Que presente mais belo e maior podemos nós oferecer à Pátria que o de instruir e educar a juventude, principalmente quando, pelos costumes e pelas

condições dos tempos actuais, a juventude, como diz Cícero <sup>1</sup>, entrou num tal caminho que, com os esforços de todos, deve ser travada e refreada? Filipe Melanchton, com efeito, escreveu que a educação perfeita da juventude é coisa um pouco mais difícil que a tomada de Tróia <sup>2</sup>. E S. Gregório Nazianzeno pensa da mesma maneira quando diz: τέχνη τεχνῶν, ἄνθρωπον ἄγειν, τὸ πολυτροπώτατον καὶ ποικιλώτατον τῶν ζῶων, isto é, a arte das artes está em formar o homem, o qual é o mais versátil e o mais complexo de todos os animais <sup>3</sup>.

6. Ensinar a arte das artes é, portanto, um trabalho sério e exige perspicácia de juízo, e não apenas de um só homem, mas de muitos, pois um só homem não pode estar tão atento que lhe não passem desapercibidas muitíssimas coisas.

7. É por isso que, com razão, peço aos meus leitores, mais ainda, em nome da salvação do género humano, suplico a todos aqueles que tiverem ocasião de lançar um olhar sobre a minha obra: primeiro, que não imputem à presunção o facto de ter havido alguém que, não apenas tenha tentado, mas ousado prometer levar a bom termo tão grande empresa, pois esta foi empreendida com um objectivo salutar. Segundo, que não desesperem se a experiência não resultar logo ao primeiro ensaio, e não der completamente os resultados desejados. É necessário, com efeito, que primeiro germinem as sementes das coisas; estas virão a seguir, gradualmente, segundo a sua natureza. Por mais imperfeita que seja a minha tentativa e não chegue a atingir o objectivo que eu me havia proposto, o meu exemplo trará, todavia, ao menos, a prova de que foi percorrida uma longa

etapa que jamais havia sido percorrida e que o cume a escalar está mais próximo que até aqui. Enfim, peço aos meus leitores que prestem atenção, sejam corajosos e julguem com liberdade e perspicácia, como convém nas coisas da máxima importância. Dito isto, é meu dever, por um lado, indicar em poucas palavras aquilo que me proporcionou a ocasião de empreender este trabalho, e, por outro lado, resumir as principais características das novidades que ele contém, antes de o entregar, com inteira confiança, à boa fé e às ulteriores investigações de todos aqueles que julgam com sensatez.

8. Esta arte de ensinar e de aprender, levada ao ponto de perfeição que parece agora esforçar-se por atingir, foi, em boa parte, desconhecida nos séculos passados e, por esse facto, os estudos e as escolas curvavam ao peso de fadigas e de caprichos, de hesitações e de ilusões, de erros e de faltas, de tal maneira que apenas podiam adquirir, à força de lutar, uma instrução sólida, aqueles que tinham a felicidade de possuir uma inteligência divina.

9. Mas, desde há algum tempo, Deus começou a propiciar-se do século nascente, verdadeiramente novo, direi quase uma aurora, e suscitou, na Alemanha, alguns homens de bem que, desgostosos com a confusão dos métodos utilizados nas escolas, se puseram a investigar um método mais curto e mais fácil para ensinar as línguas e as artes; depois dos primeiros vieram outros, e precisamente por isso alguns obtiveram sucesso maior que outros, como se revela evidente pelos livros e ensaios didácticos por eles publicados.

10. Quero referir-me a Ratke<sup>4</sup>, Lubin<sup>5</sup>, Helwig<sup>6</sup>, Ritter<sup>7</sup>, Bodin<sup>8</sup>, Glaum<sup>9</sup>, Vogel<sup>10</sup>, Wolfstirn<sup>11</sup>, e àquele que deveria ser nomeado entre os primeiros, João Valentim Andrea<sup>12</sup> (o qual, assim como pôs a claro os males da Igreja e do Estado, assim também, aqui e além, nos seus escritos puros como oiro, mostrou os males das escolas e, em vários lugares, indicou os remédios), e a outros, se os há, os quais nos são ainda desconhecidos. A própria França começou a rebolar esse rochedo, quando Jean-Cécile Frey<sup>13</sup> publicou, em Paris, em 1629, uma excelente didáctica, sob o título *Novo e rapidíssimo método que conduz às ciências divinas, às artes, às línguas e aos discursos improvisados*.

11. Tendo-se-me apresentado a ocasião de toda a parte, pus-me a ler os livros desses escritores; e se dissesse quanto prazer experimentei e como foram grandemente aliviadas as dores em mim provocadas pela ruína da minha pátria e pelo triste estado de toda a Alemanha, ninguém me acreditaria. Comecei, na verdade, a esperar que a Providência divina não fazia coincidir em vão todos esses infortúnios, uma vez que, à ruína das velhas escolas correspondia, ao mesmo tempo, a eclosão de escolas novas no quadro de projectos novos. Com efeito, quem projecta construir um novo edifício começa habitualmente por aplanar o terreno, indo até à demolição do velho edifício, pouco cómodo e a ameaçar ruína.

12. Este pensamento despertava em mim uma bela esperança acompanhada de um doce prazer; mas, a seguir, apercebi-me de que, pouco a pouco, a esperança se

diluía, uma vez que, querendo desentulhar o terreno completamente, de baixo até cima, julgava não ser capaz de tão grande empresa.

13. Por isso, desejando possuir informações mais completas sobre certos pontos e dar a minha opinião sobre alguns outros, escrevi a um, a um outro e depois a um terceiro dos autores atrás citados, mas em vão, pois, por um lado, quase todos guardaram ciosamente segredo a respeito das suas descobertas e, por outro lado, as minhas cartas foram-me devolvidas sem resposta, porque os destinatários eram desconhecidos no endereço indicado.

14. Só um deles, o eminente J. V. Andrea, me respondeu, dizendo que, de bom grado, me daria quaisquer esclarecimentos, e encorajando a ousadia do meu empreendimento. Foi assim que, picado, por assim dizer, pela espora, me pus de novo a pensar mais frequentemente neste trabalho e que, finalmente, um ardente amor do bem público me obrigou a tentar a empresa, começando pelos fundamentos.

15. Postas, portanto, de lado as descobertas, as opiniões, as observações e as advertências dos outros, decidi-me a refazer tudo por mim mesmo e a examinar o assunto e a procurar as causas, os métodos, os processos e os fins daquilo que, com Tertuliano<sup>14</sup>, chamamos, se isso nos é lícito, *aprendizagem* (discentia).

16. Daí nasceu este meu tratado, onde o tema é, assim o espero, desenvolvido mais longamente e mais claramente do que nunca o foi até ao presente. Escrito inicial-

mente em vernáculo, para uso do meu povo, sai agora, a conselho de alguns homens eminentes, vertido em latim, para que, se possível, aproveite a todos.

17. Com efeito, a caridade manda que o que Deus manifestou para salvação do género humano (assim fala o eminente Lubin da sua *Didáctica*<sup>15</sup>), se não esconda dos mortais, mas se manifeste a todo o mundo. Efectivamente, é da natureza de todos os bens (continua o mesmo Lubin) que sejam comunicados a todos; e quanto mais é a riqueza e se põe em comum, tanto melhor é e tanto mais cabe a todos.

18. É também uma lei de humanidade que, se se conhece qualquer meio de ir em auxílio do próximo para o tirar das suas dificuldades, não se deve hesitar; sobretudo quando se trata, não de um homem só, mas de muitos, e não apenas de muitos homens, mas de muitas cidades, províncias e reinos e, digo até, do género humano inteiro, como é o caso presente.

19. Se, todavia, houver algum espírito tão impertinente que pense que é coisa estranha à vocação de um teólogo estudar os problemas escolares, saiba que esse escrúpulo pesou tão fortemente sobre o meu coração a ponto de o fazer sangrar. Apercebi-me, porém, de que não poderia libertar-me dele de outra maneira senão prestando homenagem a Deus e pedindo publicamente conselho a todos acerca de tudo aquilo que uma intuição divina me sugeriu.

20. Deixai-me, ó almas cristãs, falar-vos com toda a confiança! Quem me conhece muito de perto sabe muito bem que sou homem de fraca inteligência e quase

de nenhuma instrução; e sabe também que choro os infortúnios da nossa época e desejo vivamente suprir, se isso é possível, quer com as minhas invenções, quer com as dos outros (todas as invenções derivam, de resto, do nosso bom Deus), a tudo o que nos falta de mais importante.

21. Se, portanto, encontrei agora alguma boa ideia, ela não deve ser minha, mas d'Aquele que costuma obter louvores da boca das crianças<sup>16</sup>, e que, para se mostrar de facto fiel, veraz e benigno, dá a quem pede, abre a quem bate e oferece a quem procura (*Luc.*, II, 9), porque até nós cumulos de dons aqueles por quem deles fomos também cumulos. O meu Cristo sabe que tenho um coração tão simples que não há para mim diferença alguma entre ensinar e ser ensinado, advertir e ser advertido, entre ser mestre dos mestres (se me é lícito falar assim) e discípulo dos discípulos (se acaso posso esperar algum progresso).

22. Por isso, as observações que o Senhor me concedeu fazer, eis que as ponho em público e em comum com todos.

23. Se alguém encontrar melhor, faça o mesmo, para não ser acusado pelo Senhor de colocar os seus dinheiros no cofre e de os esconder, pois o Senhor quer que os seus servos negociem, para que os dinheiros de cada um deles, postos no banco, rendam outros dinheiros (*Luc.*, 19).

*É lícito, foi lícito e sempre será lícito procurar as coisas grandes. E nunca será em vão o trabalho começado em nome do Senhor.*

#### Notas do Tradutor

<sup>1</sup> CÍCERO, *De divinatione*, Lib. II, c. 2, § 4.

<sup>2</sup> Melancthon a Camerarius, em 19 de Setembro de 1544. *Corpus Reformatorum* (Ph. Melanch. Opera Omnia, Halle, 1834 e ss.), V, 481.

<sup>3</sup> S. GREGÓRIO NAZIANZENO, *Oratio sec. apolog.*, 16 (MIGNE, *Patrologia Graeca*, vol. 35, col. 425).

<sup>4</sup> RATKE (1571-1635) era bem conhecido de Comênio pelos relatos dos seus colaboradores Ch. Helwig e J. Jungius: *Kurzer Bericht von der Didactica oder Lehrkunst Wolfgangi Ratichii*, Giessen, 1614, e *Artickel auff welchen fürnehmlich die Ratichianische Lehr Kunst berubet*, Leipzig, 1616. (Estes dois estudos foram reimpressos por P. STÖTZNER, *Ratichianische Schriften*, Leipzig, 1892-93).

<sup>5</sup> EILHARDUS LUBINUS (1565-1621), *Novi Jesu Christi Testamenti Graeco-Latino-Germanicae editionis pars prima ... Cum praehminari... epistola, in qua de Latina lingua compendiose a pueris addiscenda exponitur*, 1617. Comênio cita pela 2.<sup>a</sup> edição: Rostock, 1626 (Cf. *Opera Didactica Omnia*, pars II, col. 71 e ss.).

<sup>6</sup> CHRISTOPH HELWIG (1581-1617) escreveu, de colaboração com Ratke, uma *Didactica*, publicada póstumamente: *Christophori Helvici... libri didactici grammaticae universalis Latinae, Graecae Hebraicae, Chaldaicae, una cum generalis Didacticae delineatione et speciali ad colloquia familiaria applicatione*, Giessen, 1619.

<sup>7</sup> STEPHANUS RITTER, *Nova Didactica, das ist wohlmeinender und in der Vernunft wohl begründeter Unterricht, durch was Mittel und Weis die Jugend die lateinische Sprach mit viel weniger als sonst anzuwendeten Müß und Zeit fassen und begreifen möge*, 1621.

<sup>8</sup> ELIAS BODINUS, *Bericht von der Natur- und vernunftsmessigen Didactica oder Lehrkunst: Nebenst hellen und sonnenklaren Beweiss, wie heutigen Tages der studirenden Jugend die rechten fundamenta verruckt und entzogen werden*, Hamburgo, 1621.



da melhor maneira das mais preciosas riquezas do mundo, isto é, da juventude; assim participaremos no fulgor prometido àqueles que educam os outros para a justiça (*Daniel*, 12, 3).

- Deus tenha piedade de nós, para que, na sua luz, vejamos a luz<sup>6</sup>. Amen.

#### Notas do Tradutor

<sup>1</sup> *Cântico dos Cânticos*, 4, 14.

<sup>2</sup> *Actos dos Apóstolos*, 17, 28.

<sup>3</sup> HORÁCIO, *Epist.* I, 10, 24: naturam expellas furca, tamen usque recurret...

<sup>4</sup> *Salmo* 35, 10.

<sup>5</sup> *Apocalipse*, 2, 12.

<sup>6</sup> *Salmo* 36, 10.

## UTILIDADE DA ARTE DIDÁCTICA

Que a Didáctica se baseie em rectos princípios interessa:

1. *Aos pais* que, até agora, na maioria dos casos, ignoravam o que deveriam esperar de seus filhos. Contratavam preceptores, pediam-lhes, acarinhavam-nos com presentes e até os mudavam, quase sempre em vão e às vezes com algum fruto. Conduzido, porém, o método didáctico a uma certeza infalível, será impossível, com a ajuda de Deus, não obter sempre o efeito esperado.

2. *Aos professores*, a maior parte dos quais ignorava completamente a arte de ensinar; e por isso, querendo cumprir o seu dever, gastavam-se e, à força de trabalhar diligentemente, esgotavam as forças; ou então mudavam de método, tentando, ora com este ora com aquele, obter um bom sucesso, não sem um enfadonho dispêndio de tempo e de fadiga.

3. *Aos estudantes*, porque poderão, sem dificuldade, sem tédio, sem gritos e sem pancadas, como que divertindo-se e jogando, ser conduzidos para os altos cumes do saber.

4. *As escolas*, porque, corrigido o método, poderão, não só conservar-se sempre prósperas, mas ser aumentadas até ao infinito. Com efeito, serão verdadeiramente um divertimento, casas de delícias e de atracções. E quando (pela infalibilidade do método), de qualquer aluno se fizer um professor (do ensino superior ou do primário), nunca será possível que faltem pessoas aptas para dirigir as escolas e que os estudos não estejam prósperos.

5. *Aos Estados*, segundo o testemunho de Cícero<sup>1</sup>, atrás citado. Com o qual concorda o seguinte passo (referido por Stobeo) de Diógenes, discípulo de Pitágoras: «Qual é o fundamento de todo o Estado? A educação dos jovens. Com efeito, as videiras que não são bem cultivadas nunca produzem bom fruto»<sup>2</sup>.

6. *A Igreja*, pois somente a recta organização das escolas pode ter como resultado que às igrejas não faltem professores instruídos, e aos professores instruídos não faltem alunos apropriados.

7. Finalmente, interessa *ao Céu* que as escolas sejam reformadas de modo a ministrarem aos espíritos uma cultura exacta e universal, não sendo assim de admirar que, com o fulgor da luz divina, mais facilmente sejam libertados das trevas aqueles a quem o som da trombeta divina não consegue acordar. Efectivamente, embora se pregue o Evangelho aqui e além, e oxalá seja pregado até ao fim do mundo, todavia, como em qualquer reunião pública, nas feiras, nas pensões ou em qualquer outro tumultuoso ajuntamento da gente, costuma acontecer

que não se faz ouvir somente ou principalmente quem pronuncia óptimos discursos, mas, conforme alguém se encontra com outro ou lhe está vizinho, de pé ou sentado, assim o ocupa ou detém com as suas ninharias; de igual modo acontece no mundo. Cumpram os ministros da palavra o seu dever com todo o zelo possível: falem, exortem, supliquem; todavia, não serão ouvidos pela parte mais importante da população. Muitos, na verdade, não frequentam as reuniões sacras, a não ser num ou noutro caso; outros vão, mas com os olhos e os ouvidos fechados, porque, a maioria das vezes, interiormente ocupados em outras coisas, estão pouco atentos ao que ali se faz. Mas admitamos também que estejam atentos e que consigam ver o objectivo das sagradas admoestações; é certo, todavia, que não recebem nem uma impressão nem uma comoção tão forte como seria conveniente, porque o costumado torpor da alma e o já contraído hábito do vício engrossam, fascinam e endurecem de tal modo as suas mentes, que não podem libertar-se daquela espécie de letargo. Permanecem, portanto, na costumada cegueira e nos seus pecados, como que amarrados a grilhões, de tal maneira que, ninguém, excepto apenas Deus, os pode libertar dos males inveterados e ruinosos; como disse um dos Santos Padres, é quase um milagre que um pecador inveterado se resolva a fazer penitência. Mas porque, por outro lado, onde Deus fornece abundantes meios, pretender milagres é tentar Deus<sup>3</sup>, impõe-se aceitar que, também no nosso caso, o problema não se põe de modo diverso. Cremos, portanto, que é nosso dever pensar nos meios pelos quais toda a juventude cristã seja mais fervidamente impelida para o vigor da mente e para o amor das coisas celestes. E se conseguirmos obter este efeito, veremos

que o reino dos céus nos infundirá a sua força, como nos tempos passados.

Ninguém, portanto, distraia os seus pensamentos, os seus desejos, as suas energias e as suas forças deste santíssimo propósito. Quem nos concedeu a boa vontade, conceder-nos-á também a realização do fim; mas convém suplicar à misericórdia divina, pedir-lho todos sem excepção, e confiar que a nossa esperança se realize. Trata-se aqui, com efeito, da salvação dos homens e da glória do Altíssimo.

*João Valentim Andrea.*

*Desesperar do bom êxito é inglório;  
Desdenhar dos conselhos albeios é injurioso*<sup>4</sup>.

#### Notas do Tradutor

<sup>1</sup> CÍCERO, *De divinatione*, II, 2, 4.

<sup>2</sup> JOÃO STOBAIOS, *Anthologion* (Florilegiu), cap. 95: *περὶ πολιτείας*. Edição de A. MEINEKE, Leipzig, 1855, II, 103, onde, todavia, o termo é atribuído, não a Diógenes, mas ao discípulo de Protágoras, Diotógenes. Coménio utilizou provavelmente a tradução, muito divulgada, de C. GESSNER, Zurich, 1543.

<sup>3</sup> *Mateus*, 12, 39; *Lucas*, 11, 29.

<sup>4</sup> J. V. ANDREA, *Theophilus*, (ed. de Leipzig, 1706, p. 16).

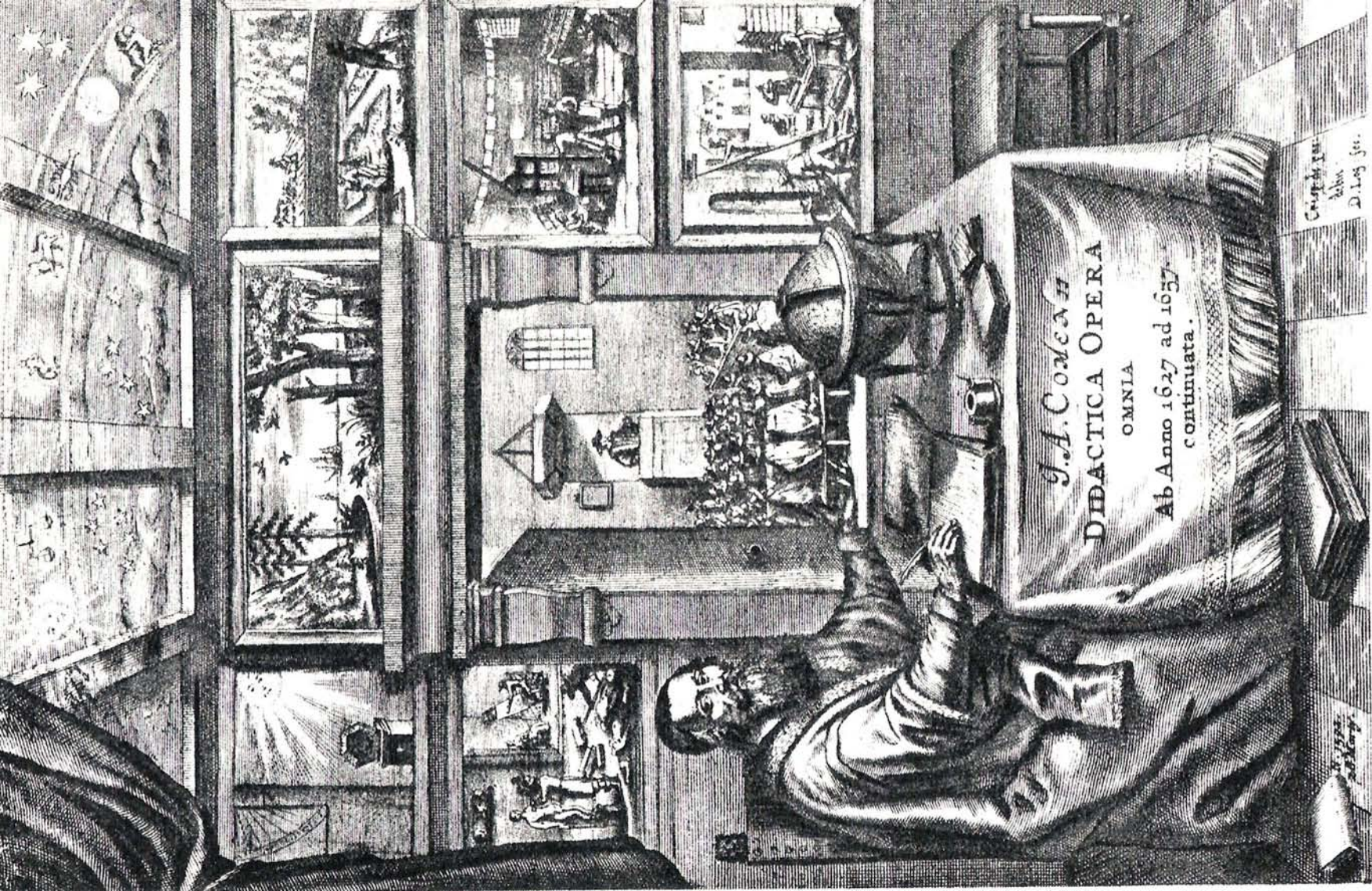
#### ASSUNTOS DOS CAPÍTULOS

- I. *O homem é a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas.*
- II. *O fim último do homem está fora desta vida.*
- III. *Esta vida não é senão uma preparação para a vida eterna.*
- IV. *Os graus da preparação para a eternidade são três: conhecermo-nos a nós mesmos (e conosco todas as coisas), governarmo-nos e dirigirmo-nos para Deus.*
- V. *As sementes destas três coisas (da instrução, da moral e da religião) são postas dentro de nós pela natureza.*
- VI. *O homem tem necessidade de ser formado para que se torne homem.*
- VII. *A formação do homem faz-se com muita facilidade na primeira idade, e chego a dizer que não pode fazer-se senão nessa idade.*
- VIII. *E necessário, ao mesmo tempo, formar a juventude e abrir escolas.*

- IX. *Toda a juventude de ambos os sexos deve ser enviada às escolas.*
- X. *Nas escolas, a formação deve ser universal.*
- XI. *Até agora, não tem havido escolas que correspondam perfeitamente ao seu fim.*
- XII. *As escolas podem ser reformadas.*
- XIII. *O fundamento das reformas escolares é a ordem em tudo.*
- XIV. *A ordem perfeita da escola deve ir buscar-se à natureza.*
- XV. *Fundamentos para prolongar a vida.*
- XVI. *Requisitos para ensinar e para aprender, isto é, como se deve ensinar e aprender para que seja impossível não obter bons resultados.*
- XVII. *Fundamentos para ensinar e aprender com facilidade.*
- XVIII. *Fundamentos para ensinar e aprender sòlidamente.*
- XIX. *Fundamentos para ensinar com vantajosa rapidez.*
- XX. *Método para ensinar as Ciências em geral.*
- XXI. *Método para ensinar as Artes.*
- XXII. *Método para ensinar as Línguas.*
- XXIII. *Método para ensinar a Moral.*
- XXIV. *Método para inculcar a Devoção ou Piedade.*
- XXV. *Se realmente queremos escolas reformadas segundo as verdadeiras normas do autêntico Cristianismo, os*

*livros dos pagãos, ou devem ser afastados das escolas, ou ao menos devem ser utilizados com mais cautela que até aqui.*

- XXVI. *Da disciplina escolar.*
- XXVII. *As instituições escolares devem ser de quatro graus, em conformidade com a idade e com o aproveitamento.*
- XXVIII. *Plano da escola materna.*
- XXIX. *Plano da escola de língua nacional.*
- XXX. *Plano da escola latina.*
- XXXI. *Da Academia, das viagens e da associação didáctica.*
- XXXII. *Da organização universal e perfeita das escolas.*
- XXXIII. *Dos requisitos necessários para começar a pôr em prática este método universal.*



Ritratto di Comenio nell'antiporta dell'*Opera didactica omnia*  
incisa da Crispyn de Pas

(Amsterdam, Ch. Cunrad e G. à Roy, 1657).